



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Registro: 2025.0000390039

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos estes autos de Habeas Corpus Criminal nº 2088998-36.2025.8.26.0000, da Comarca de Catanduva, em que é impetrante FABIO RODRIGUES TRINDADE, Pacientes WESLEY PEDROSO DO NASCIMENTO e GABRIEL FERREIRA DA SILVA.

ACORDAM, em sessão permanente e virtual da 6ª Câmara de Direito Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferir a seguinte decisão: **Denegaram a ordem. V. U.**, de conformidade com o voto do relator, que integra este acórdão.

O julgamento teve a participação dos Desembargadores FARTO SALLES (Presidente) E ZORZI ROCHA.

São Paulo, 23 de abril de 2025.

TEIXEIRA DE FREITAS

Relator(a)

Assinatura Eletrônica

***Habeas Corpus Criminal* 2088998-36.2025.8.26.0000**

Impetrante: Advogado Fábio Rodrigues Trindade

Pacientes: Wesley Pedroso do Nascimento e Gabriel Ferreira da Silva

Comarca: Catanduva

Voto 11364

Ementa. Direito Penal. *Habeas Corpus*. Tráfico de entorpecentes. Revogação da prisão preventiva. Pedido sustentado na alegação de que não estariam presentes os requisitos da custódia cautelar. Requisitos da constrição cautelar que se encontram presentes no caso em análise, sendo necessária a manutenção da prisão do paciente. Crime com pena máxima superior a quatro anos. Inteligência do artigo 313, inciso I, do CPP. Necessidade de garantia da ordem pública. Maus antecedentes que denotam periculosidade do agente e risco de reiteração delitiva se colocado em liberdade. Prisão mantida. Impossibilidade de aplicação de quaisquer das medidas cautelares diversas do cárcere (artigo 319 do mesmo Diploma Legal). Decisão de primeira instância bem fundamentada que não se mostrou ilegal ou teratológica. Constrangimento ilegal não verificado. Ordem denegada.

Trata-se de *habeas corpus*, impetrado pelo advogado Fábio Rodrigues Trindade, em favor dos pacientes Wesley Pedroso do Nascimento e Gabriel Ferreira da Silva, alegando, em síntese, estar sofrendo constrangimento ilegal por parte do Meritíssimo Juiz de Direito da Primeira Vara Criminal de Catanduva, que converteu a prisão em flagrante em preventiva.

Segundo alegado, em 19 de março de 2025, os pacientes foram presos em flagrante pela suposta prática da conduta tipificada no artigo 33, *caput*, da Lei Federal 11343/06.

Em análise da regularidade do flagrante, o Magistrado de Primeiro Grau, após observar o procedimento adequado e tomar ciência dos fatos, converteu o flagrante em preventiva.

Tal ato foi impugnado pela defesa, elevando o magistrado à qualidade de autoridade coatora.

O constrangimento ilegal foi pautado na ausência dos fundamentos da garantia da ordem pública, necessidade de resguardar a aplicação da lei penal e a perfectibilização da instrução criminal.

O impetrante salientou a desproporcionalidade da medida, alegando que a decisão da autoridade coatora carece de fundamentação concreta, eis que baseada na gravidade abstrata do delito.

Aduziu, ainda, ter sido o delito praticado sem violência e grave ameaça à pessoa, cabendo cautelares diversas da prisão.

Ressaltou os predicados pessoais dos pacientes, de modo que inexistiria o *periculum in libertatis*.

Requeru, assim, a concessão da liminar para a expedição de alvará de soltura e, no mérito, a revogação da prisão preventiva (fls. 01/04).

A liminar foi indeferida (fls. 80/83).

As informações foram prestadas (fls. 86/92).

O parecer da Procuradoria Geral de Justiça foi no sentido de denegação da ordem (fls. 97/100).

É o breve relatório.

A ordem deve ser denegada.

Não há qualquer ilegalidade na decisão proferida pelo Juízo de Primeiro Grau, estando devidamente fundamentada, observando-se os preceitos legais e as circunstâncias do caso concreto.

A conversão da prisão em flagrante em preventiva do paciente está corretamente fundamentada, notadamente diante do fato de que foi preso em flagrante, em 19 de março de 2025, em Catanduva, acusado da suposta prática do delito previsto no artigo 33, *caput*, da Lei 11343/06.

Em análise da regularidade do flagrante, o Meritíssimo Juiz de Direito do Primeiro Grau reputou como regular e formalmente em ordem o flagrante, convertendo-se em prisão preventiva, porque além dos indícios de autoria e da materialidade, as circunstâncias do fato indicavam o exercício do tráfico, destacando:

“Os agentes da lei ingressaram no imóvel e Wesley lançou uma balança de precisão e um saco plástico na casa vizinha e saiu pulando muros de residências, sendo, porém, detido. No corredor da residência foram localizados 66 (sessenta e seis) “saquinhos”, tipo ziplock, contendo a substância aparentando ser a droga “maconha”, 24 (vinte e quatro) tabletes da mesma droga, com peso total aproximado de 253 (duzentos e cinquenta e três) gramas, 01 (um) “saquinho” plástico, tipo ziplock, contendo, aparentemente, “cocaína”, 01 (uma) balança de precisão com resquícios de drogas; 01 (um) martelo e 01 (uma) faca com resquícios de drogas e várias embalagens vazias. No imóvel vizinho, foi localizado 01 (um) saco plástico, contendo a substância aparentando ser “maconha” à granel, pesando cerca de 63 (sessenta e três) gramas e uma balança de precisão com resquícios de droga. Na situação, estavam os indiciados em atitude típica de tráfico ilícito de drogas, pelo menos é a conclusão a que se chega em sede de cognição sumária. Demais, a decretação da prisão preventiva é necessária para a garantia da ordem pública local, vez

que o delito imputado aos indiciados é grave e, inclusive, equiparado a hediondo. No caso, a prisão preventiva é adequada diante da gravidade do crime, das circunstâncias do fato (na medida em que inúmeras infrações penais a maioria delas - atualmente giram em torno do tráfico ilícito de entorpecentes, além do que o traficante de drogas, conforme dão conta as máximas de experiência, explora a condição de viciado e dependente químico das pessoas que fazem uso, em alguns casos compulsivo, das substâncias, para, com isso, obter dinheiro e outras vantagens) e das condições pessoais do indiciado, o qual, com a prática da mercancia ilícita, revela personalidade distorcida e voltada para a prática de infrações penais.”

Assim, a decisão de primeiro grau se encontra devidamente fundamentada e consubstanciada na documentação acostada, em total consonância com os artigos quinto e 93, inciso IX, da Constituição Federal.

O crime de tráfico é equiparado a hediondo e possui pena máxima em abstrato elevada.

O volume de drogas e a balança de precisão são indicativos de comércio clandestino.

A quantidade e a natureza das drogas são fundamentos idôneos para demonstrar a necessidade de garantir a ordem pública, estando a medida restritiva de liberdade autorizada pelo artigo 313, inciso I, do Código de Processo Penal.

Cumprе observar, ainda, que ambos os pacientes ostentam maus antecedentes, situação que denota risco de reiteração delitiva se colocados em liberdade.

Nesse sentido:

“No caso, a manutenção da constrição cautelar

está baseada em elementos vinculados à realidade, pois as instâncias ordinárias fazem referência às circunstâncias fáticas justificadoras, destacando, além da quantidade e da variedade de drogas encontradas (aproximadamente 18 kg de maconha e 87,38 gramas de cocaína), o real risco de reiteração delitiva, uma vez que o acusado é reincidente e ostenta diversas anotações criminais. Tudo a revelar a periculosidade in concreto do agente” (Habeas Corpus 549.121/MG, Relator Ministro Reis Júnior, Julgado em 11/02/2020, DJE 21/02/2020).

Convém lembrar que os fundamentos da preventiva estão relacionados ao processo (necessidade de garantir a instrução penal), ao direito material (aplicação da lei penal) e à sociedade (garantia da ordem pública), os quais, se não afastados, não podem sucumbir perante circunstâncias “pessoais”, salvo o artigo 318, do CPP, inaplicável aos autos, pois as hipóteses lá previstas são taxativas.

Tampouco há que se falar em aplicação das medidas cautelares diversas do cárcere, já que presentes os requisitos da prisão preventiva (artigo 312 do CPP), além daquelas serem insuficientes para impedir a reiteração criminosa.

As demais questões relacionadas ao mérito da imputação devem ser levantadas oportunamente, para a apreciação nos próprios autos da ação penal, sendo impossível a análise no estrito âmbito de cognição deste remédio heroico.

Importa lembrar que a manutenção da prisão está em harmonia com a presunção constitucional de inocência, nos termos do disposto no inciso LXI, do artigo quinto, ambos da Constituição Federal.

Diante de tal contexto, não se cogita de constrangimento ilegal, sendo importante destacar que as questões relacionadas ao mérito da imputação devem ser levantadas oportunamente, para apreciação nos próprios autos da ação penal.



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Portanto, não tendo sido detectada qualquer ilegalidade na manutenção da custódia cautelar dos pacientes, de rigor a manutenção do decreto prisional em seu desfavor.

Ante o exposto, pelo meu voto, **DENEGO** a ordem de *habeas corpus*.

TEIXEIRA DE FREITAS

Relator